

João Wanderley Geraldi

Diretor do Instituto de Estudos
da Linguagem / UNICAMP

O uso como lugar de construção dos recursos lingüísticos

Acompanhando a resposta de Bakhtin à questão “o que se revela como o verdadeiro núcleo da realidade lingüística? O ato individual da fala - a enunciação - ou o sistema da língua?” assim formulada:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (Bakhtin, 1929:123)

pode-se defender o ponto de vista de que o uso da linguagem é o lugar da construção dos recursos lingüísticos, entendido este uso como o processo interativo que implica sempre a pre-

sença mínima de dois indivíduos socialmente organizados, onde a palavra do locutor dirige-se a um interlocutor, e entendidos os recursos lingüísticos como produtos sociais deste trabalho de interlocução,

Enquanto sujeitos datados e situados, nascemos num universo que nos precede, tanto em termos de suas culturas materiais, quanto em termos de suas culturas simbólicas.

caracterizado essencialmente por ser um conjunto aberto e em constante modificação face às diferentes organizações sociais dentro das quais as interações verbais se realizam.

Assumido este ponto de vista, há um duplo objetivo neste texto: de um lado, explicitar uma possível relação entre os acontecimentos concretos de interação verbal e a produção de recursos lingüísticos, e de

outro lado, formular uma questão para aqueles que estudam a construção de uma linguagem específica, aquela de sujeitos surdos.

1. Acontecimentos interativos e recursos lingüísticos

Enquanto sujeitos datados e situados, nascemos num universo que nos precede, tanto em termos de suas culturas materiais, quanto em termos de suas culturas simbólicas. Individualmente, não somos

nunca os primeiros a romper o silêncio: encontramos um mundo em efervescência, onde vozes significativamente constituídas circulam e circulando nos meios em que sobrevivemos, expressam suas “entonações” [“toda palavra usada na fala real possui ... um acento de valor ou apreciativo, isto é, quando um conteúdo objetivo é expresso (dito ou escrito) pela fala viva, ele é sempre acompanhado por um acento apreciativo determina-

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

INES

ESPAÇO

DEZ/97

50

do. Sem acento apreciativo, não há palavra”].

É no contexto das interações onde as apreciações se dão que aprendemos, e em aprendendo, vamos incorporando ao mesmo tempo um conjunto de signos socialmente construídos junto com as apreciações que acompanham o dizer dos outros de que somos ouvintes e para os quais falamos.

Para Bakhtin, “os sujeitos não “adquirem” sua língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência” e “o

por seu turno também se faz história e como história reinveste os signos lingüísticos de novos significados, cria novos signos lingüísticos para novas realidades sociais, rearticula as formas gramaticais de estruturação de enunciados e produz novos gêneros de discursos, já que a complexidade destes corresponde à complexidade das relações sociais.

Tomemos como primeiro exemplo uma discussão dos inícios do século a propósito da sintaxe de colocação. No Juízo Crítico com que Gonçal-

Para Bakhtin, “os sujeitos não “adquirem” sua língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência”...

processo pelo qual a criança assimila sua língua materna é um processo de integração progressiva da criança na comunicação verbal. À medida que essa integração se realiza, sua consciência é formada e adquire conteúdo” (1929: 108).

Assim, os recursos lingüísticos disponíveis pelo trabalho social e histórico de produção de discursos constituem-se em “recursos” para a produção de discursos contemporâneos, mas por esta produção estes recursos não passam incólumes, como se não estivessem sendo usados. O trabalho contemporâneo,

ves Viana introduz o livro de Cândido de Figueiredo **O Problema da Colocação de Pronomes** (1928), pode-se ler:

“Uma das feições da sintaxe portuguesa, e também da castelhana, que mais realça, consiste em que a construção das orações interrogativas, á parte a intonação especial ascendente, em nada se diferencia da que é usual nas orações enunciativas. Deste modo, O homem veio e O homem veio? somente na entoação se distinguem, entanto que em outras línguas a construção difere, ou porque o sujeito se co-

loca depois do verbo, como acontece nas germânicas e em francês, por exemplo, ou porque se intercalam partículas especiais interrogativas, como em russo e em búlgaro (li), em polaco (czi=txi), em malaico (apa), etc. Se porém em português a oração interrogativa começa por pronome ou advérbio interrogativo, todo o português de Portugal pospõe o sujeito ao verbo; ex. Como está seu pai? - Que livros tem êle? - e jamais se dirá Como seu pai está? Que livros êle tem? (in Figueiredo, 1928:8-9)”

A simples leitura desta citação já mostra o quanto o português de hoje não é o português da década de 20:

a) inicialmente porque o pomo da discórdia, motivo inclusive da obra de Cândido de Figueiredo, relativamente à colocação “inadequada” de pronomes no contexto oracional, deixou de existir e hoje convivem tanto formas como “*Que livros ele tem?*”, quanto formas com posposição do sujeito, mais raras e tipicamente da escrita;

b) também é instrutivo atentar para dois itens lexicais que hoje nos soam estranhos: *diferençar* (é mais comum o uso de *diferenciar*) e o relator *em tanto que*, hoje substituído por *enquanto que*;

c) por fim, a ortografia de então mostra um conjunto de regras hoje obsoletas, com acentos para nós muito estranhos, como *á parte*, o acento diferencial, o acento secundário (*em sómente*).

Mesmo o conjunto de regras sintáticas, mais estáveis na língua, são alteradas ao longo do tempo. A sintaxe de colocação é um lugar bastante cômodo para encontrar exemplos, como este da discussão em que polemizaram Candido de Figueiredo e “um ilustrado professor paraense, poeta e jornalista, o qual, não obstante o haver-me dado anteriormente mais de uma prova de deferência, entendeu que a doutrina, por mim preconizada sobre a colocação de pronomes, era uma luva lançada aos publicistas brasileiros, e levantou-a galhardamente, combatendo-me em longos e numerosos artigos, num diário do Pará” (Figueiredo, 1928:17).

Ainda que o normativismo na área esteja em baixa, questões como estas continuam a ocupar tinta e papel. Britto (1997:126 e segs) analisa um episódio de vestibular recente (FUVEST/96), em que o assunto retorna em duas questões. Na primeira, cita-se excerto de L.F.Veríssimo, do qual extraio pequena passagem para mostrar o tom apreciativo do autor:

-Ah, não sabe? Não o sabes? Sabes-lo não?

-Esquece.

-Não. Como “esquece” ? Você prefere falar errado ? O certo é “esquece” ou “es-

queça” ? Ilumine-me. Me dia. Ensines-lo-me. Vamos [...]

Surpreendentemente, no entanto, a questão seguinte do mesmo vestibular solicita que o estudante responda a alternativa “de acordo com a norma gramatical” para a seguinte seqüência:

Ensinar-me-lo-ias, se o soubesses, mas não sabes-o”.

Deixando de lado exemplos de ordem sintática, exemplifiquemos os três outros campos em que a mobilização de recursos lingüísticos nos

Sabemos que os significados de nossas falas somente se definem no contexto da situação em que elas ocorrem, porque seus temas não são determinados somente pelas formas lingüísticas, mas também pelos elementos não verbais presentes nas interações...

processos interativos produzem, no contexto do retorno e da reprodução de outros elementos, novos recursos:

a) na mudança de significados das expressões

Sabemos que os significados de nossas falas somente se definem no contexto da situação em que elas ocorrem, porque seus temas não são determinados somente pelas formas lingüísticas, mas também pelos elementos não verbais presentes nas interações, em que jogam papéis tanto nossos interlocutores (para um amigo íntimo, uma só palavra ou um mero olhar podem expressar inúmeros significados)

quanto o assunto, o lugar da conversação, os outros sujeitos envolvidos, etc.

A radicalidade desta posição, no entanto, poderia levar à defesa de pontos de vista insustentáveis. É óbvio que o significado único e definido de nossos enunciados são sempre situacionais, mas os recursos lingüísticos que mobilizamos nestes contextos trazem a carga histórica de seus usos anteriores, e por isso mesmo uma significação estável (não fixa) que permite a mobilidade. Neste sentido, as línguas são quase-estruturas, e seus elementos

não têm relações biunívocas, correspondendo a cada recurso um significado. E as expressões lingüísticas (aqui incluídos seus significados) têm vocação para a mudança. É por isso

que a comunicação é possível: a língua fornece recursos maleáveis, cuja compreensão não se dá pelo seu reconhecimento, mas pela articulação de seus significados a cada diferente situação.

Um exemplo típico de mudança de significados pode ser encontrado nas gírias jovens. Barzotto (1997) analisa a incorporação pelas propagandas da revista *Realidade* [que circulou no período de 1966 a 1976] da linguagem da Jovem Guarda, onde “morou?”, “legal”, “brasa”, etc. têm significados totalmente distintos daqueles que apresentavam os

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

INES

ESPAÇO

DEZ/97

52

dicionários. Hoje, o falante que utiliza tais termos à Jovem Guarda, mais do que tudo, significa pela linguagem que usa o pertencimento a uma certa geração.

b) na criação de novos signos lingüísticos

Nesta área, basta lembrar alguns exemplos do léxico da computação: acessar, deletar, hifenizar, printar, justificar, são itens lexicais recentes no português e seguramente terão seus usos cada vez mais popularizados em função da presença de computadores, até mesmo em pequenos restaurantes. Aliás, graças a eles, em restaurantes pouco sofisticados não mais ficamos sentados à mesa, esperando o troco e tomando a "saideira", mas levantamo-nos e vamos para a fila do caixa, e de pé, esperamos nossa vez de sermos atendidos graças à forma computadorizada de apresentação de nossas contas.

c) na elaboração de novos gêneros

Para Bakhtin

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana[...] O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas,

não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua - recursos lexicais, frasesológicos e gramaticais - mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. (1979:179)

Os gêneros do discurso são relativamente estáveis e impõem determinadas formas de composição (em uma carta, por exemplo, espera-se uma saudação e uma despedida).

Assim, "adquirir" a língua materna, aprender a falá-la, é um processo de duplo produto: à medida que se aprende, forma-se a consciência.

Como cada vez mais se complexificam nossas atividades e como diferentes atividades selecionam e reestruturam os gêneros discursivos, novos tipos vão surgindo e outros vão desaparecendo. A linguagem da propaganda, por exemplo, exige uma composição rápida, dinâmica, com elementos enfatizados para uma leitura rápida, mas ao mesmo tempo produtiva, no sentido de que a propaganda bem sucedida é aquela que fixa no leitor o nome do produto que propaga.

O conjunto de exemplos, aqui ligeiramente esboçados, são suficientes para mostrar que nos processos interativos,

ou seja, no uso da linguagem vamos "trabalhando" de modo a re-constituirmos a língua que serve de base para o próprio trabalho lingüístico dos sujeitos falantes. Neste sentido, o movimento que se pretende comprovar é aquele da dialética da reiteração/mudança, da estabilidade/instabilidade, constante na constituição destes produtos históricos que são as línguas naturais.

Como sujeitos falantes, aceitando-se o ponto de vista bakhtiniano de que a consciência se constitui materialmente através dos signos que incorporamos nos processos da interação social, somos e nos fazemos sujeitos neste mesmo processo que constitui o material sócio de nossas consciências. Assim, "adquirir" a língua materna, aprender a falá-la, é um processo de duplo produto: à medida que se aprende, forma-se a consciência. Nesta perspectiva, somos desde sempre "sujeitos sociais" porque a constituição de nossa própria subjetividade se dá pela internalização do que nos é externo.

2. Formulação de uma questão

Na discussão precedente, o ponto de vista essencial que norteou as colocações feitas foi a concretude dos processos enunciativos, lugar de reiteração e produção de recursos lingüísticos ou expressivos. Tratando-se de processo que se dá na relação entre interlocutores, a "composição" dos enunciados é compartilhada entre locutor e interlocutor, já que toda a palavra dirige-se a um outro, e já que toda a palavra que empregamos provém de outros.

Nesta perspectiva, como ensina Bakhtin (1929:121)

O centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo. [...] a enunciação humana mais primitiva, ainda que realizada por um organismo individual, é, do ponto de vista do seu conteúdo, de sua significação, organizada fora do indivíduo pelas condições extra-orgânicas do meio social. A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata, ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma deter-

minada comunidade lingüística.

Como "o pensamento não existe fora de sua expressão potencial", o que implica a necessidade de uma linguagem, e como esta não é expressão de um indivíduo, mas é sua expressão enquanto internalização do externo, a atividade psíquica está crucialmente articulada com a linguagem e na perspectiva aqui assumida depende crucialmente do exterior.

Retomando um texto ante-

De um modo especial, como trabalhar a questão da "língua materna" com surdos filhos de pais falantes e ouvintes, já que estes, nos processos interativos com seus filhos surdos, constituem compartilhadamente uma linguagem.

rior, a propósito das políticas públicas de disseminação da leitura num contexto social de exclusão, defendo o ponto de vista de que a subjetividade se constitui pelas diferentes formas de articulação dos pré-construídos apreendidos nos processos discursivos de que participamos, de modo que as contrapalavras de diferentes sujeitos diante do mesmo objeto a ser apreendido são umas diferentes das outras face às diferentes histórias de cada um, e o objeto assim "apreendido" corresponde a diferentes representações deste mesmo objeto. Somente

compartilhando estas diferenças é que negociamos diferentes sentidos e conseguimos entabular uma troca comunicacional.

Ora, as contrapalavras que cada um de nós mobiliza nos processos de compreensão ativa e responsiva são, por seu turno, internalizações prévias do que nos era exterior, neste processo contínuo de tornar

intra-individual o que é interindividual.

No que concerne aos processos iniciais, espécie de gênese de cada sujeito falante, novamente podemos apelar para Bakhtin:

As influências extratextuais têm uma importância muito especial nas primeiras etapas do desenvolvimento do homem. Estas influências estão revestidas de palavras (ou outros signos), e estas palavras pertencem a outras pessoas; antes de mais nada, trata-se das pala-

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

INES

ESPAÇO

DEZ/97

54

vas da mãe. Depois, estas "palavras alheias" se reelaboram dialogicamente em "palavras próprias-alheias" com a ajuda de outras palavras alheias (escutadas anteriormente) e logo se tornam palavras próprias (com a perda das aspás, falando metaforicamente) que já possuem um caráter criativo.

Nesta passagem, independentemente da necessária discussão sobre o "caráter criativo" que lhe atribui Bakhtin, as palavras próprias são resultantes de um "esquecimento" de suas origens, pois antes de próprias foram alheias. Neste processo de "aprendizagem", que em Bakhtin é também de integração à comunidade linguística e de formação da consciência, seguramente os parceiros utilizam-se de recursos expressivos não próprios das línguas, digamos públicas. O "baby talk", em cada família, contém itens lexicais, tons apreciativos, formas composicionais que não correspondem aos padrões de uso comum e que aprendidos na infância, são depois abandonados ou esquecidos.

Sem qualquer pretensão de originalidade, porque guiado sobretudo pela vontade de compartilhar uma preocupação muito específica, seguramente já trabalhada por espe-

cialistas, cujas obras desconheço, a questão que formulo, no quadro das reflexões precedentes, é como constroem os surdos nos processos interlocutivos, novos signos, cujo suporte material não é a voz, mas o sinal. De um modo especial, como trabalhar a questão da "língua materna" com surdos filhos de pais falantes e ouvintes, já que estes, nos processos interativos com seus filhos surdos constituem compartilhadamente uma linguagem. A aprendizagem de uma língua de sinais, construída previamente às

interações mas nelas passando a circular a partir da luta dos próprios surdos na sua constituição como grupo com identidade (Souza, 1996: 106 e segs), poderia ser aproximada à aprendizagem de uma segunda língua, que se sobreporia à língua materna construída aleatoriamente segundo as necessidades comunicativas de pais, irmãos e adultos com a criança surda?

Bibliografia

BARZOTTO, V.H. (1997) *Leitura de Revistas Periódicas: Forma, Texto e Discurso*. Campinas, Versão preliminar de tese de doutoramento, IEL/Unicamp.

BAKHTIN, M. (1929) *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1982.

_____. (1979) "Os gêneros discursivos" in. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 1992

BRITTO, L.P.L. (1997) *A sombra do Caos: Ensino de língua x Tradição Gramatical*. Campinas, Tese de doutoramento, IEL/Unicamp

FIGUEIREDO, C. de (1928) *O Problema da Colocação de Pronomes*. Lisboa, M. Teixeira & Cia. (Filhos)

GERALDI, J.W. (1994) "Políticas de inclusão em estruturas de exclusão" in. *Linguagem e Ensino - Exercícios de militância e divulgação*. Campinas, ALB/Mercado de Letras, 1996

SOUZA, R. M. (1996) *Que Palavra que te Falta? O que o surdo e sua língua(gem) de sinais têm a dizer à Linguística e à Educação*. Campinas, Tese de doutoramento, IEL/Unicamp